

# Entre tramas e fios da profissão docente – Histórias de educadores da cidade de Tapira-MG<sup>1</sup>

Marielma A. Barbosa<sup>2</sup>  
Ivana Guimarães Lodi.<sup>3</sup>

---

**Resumo:** Vidas e práticas de professores têm sido uma das principais temáticas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação, por vários autores, pois a compreensão da realidade vem ganhando relevo científico importante, especialmente, em um momento em que a produção historiográfica valoriza, sobretudo, o exame das especificidades e singularidades locais e pessoais, seguindo as tendências de metodologia e práticas atuais. A profissão do professor tem se destacado nos aspectos de discussão entre estudiosos, pesquisadores, Poder Público e entre os próprios professores que ao longo dos anos percebem a evolução de sua profissão. Assim, este artigo é resultado de uma pesquisa feita com professores da cidade de Tapira com o objetivo de investigar quem são os educadores tapirenses e que imagens eles têm sobre sua identidade profissional e, sobre a educação no município, recuperando assim alguns sentidos e significados de suas identidades e de suas imagens sobre a educação. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 10 educadores que têm em comum o fato de já terem trabalhado ou ainda trabalharem com a educação em Tapira, sendo 2 da educação infantil, 2 da educação fundamental, 2 do Ensino Médio, 2 aposentados e 2 gestores. Eles fazem parte do processo de viver, praticar e construir suas histórias e da história da educação na cidade. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Pode-se dizer que esta pesquisa ousou uma pequena construção de belas Histórias sobre a educação de Tapira. Foi possível perceber o orgulho e a dedicação que todos os entrevistados têm em vivê-la e construí-la, demonstrando a crença naquilo que fazem, apesar dos inúmeros desafios no exercício da profissão. Mesmo sendo uma cidade pequena, Tapira preza pela qualidade da educação e tem alcançado bons resultados.

**Palavras-Chave:** Educação; História; Professores; Identidade profissional.

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa coordenado pela professora Ms. Ivana Guimarães Lodi – pesquisas em diversos ambientes/locais de educação – Este estudo foi uma das etapas do projeto.

<sup>2</sup> Aluna orientada através do Projeto referido, no Programa de Iniciação Científica do UNIARAXÁ com bolsa da FAPEMIG.

<sup>3</sup> Professora orientadora do Projeto.

## 1. Sobre professores e educação

“De tudo ficam três coisas: A certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar, e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminarmos. Devemos fazer da interrupção um caminho novo, da queda uma dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte da procura um encontro”.

Fernando Sabino

Vidas, práticas e histórias de professores têm-se configurado como importantes temas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação. Vários autores tais como Chartier (1990), Fontana (2000), Nóvoa (1991), Penin (1989), Tardif (2002), têm pesquisado sobre esta temática, pois compreender as várias realidades educacionais vem ganhando relevo científico importante, especialmente, em um momento em que a produção historiográfica valoriza, sobretudo, o exame das especificidades e singularidades locais e pessoais, seguindo as tendências de metodologia e práticas da história oral. Entre muito do que se tem dito ou escrito, Dosse (1992), afirma que o conhecimento do passado deve servir à melhor inteligibilidade da nossa realidade atual, subsidiando, desta forma, a construção de uma História mais participativa, no verdadeiro sentido da palavra, tornando possível hoje, conhecer as diversas faces que compõem a atividade profissional docente em suas diferentes manifestações e construções.

Sabemos também, que “bem ou mal preparado, o professor enfrenta um cotidiano difícil, independentemente de questionamentos sobre quais atribuições seriam de sua competência” (LAROCCA, 1999, p. 19), o que nos faz parar e refletir sobre nosso papel na sociedade, sobre o como vivemos nossa prática pedagógica. Durante anos e anos, a profissão do professor vem se destacando nos aspectos de discussão entre estudiosos, pesquisadores, Poder Público, entre os próprios professores que ao longo dos anos percebem a evolução e ao mesmo tempo, a desvalorização de sua profissão.

A busca constante pela devida valorização profissional, ainda está longe de alcançar seu ideal. Podemos dizer que o professor, a escola em si, ainda são usados como um aparelho ideológico do Estado. O Poder Público exerce uma função de monitoramento da escola. A educação é assunto de campanha política, mas nem sempre sai do papel e os professores têm que prestar contas do desenvolvimento dos seus alunos para o Estado, através de provinhas avaliativas, como a provinha Brasil, entre outros meios de avaliação.

Quanto à identificação do professor com seu ofício, Arroyo diz que:

Ninguém pode optar por um determinado trabalho apenas por ser possível para sua condição social. Esta deveria ser um processo de tentativa de identificação com esse papel que vai desempenhar. Esse processo de identificação vai se dando desde cedo e é o que terminará por tornar mais suportável os longos anos de magistério. Este passará a ser um peso leve ou pesado, ou até uma realização pessoal. Cada um de nós sabe o que nos identifica com o magistério e

como se foi dando esse processo de identificação, a ponto de sermos professores(as). Podemos até pensar que é uma identificação necessária, condicionada pela sobrevivência, que não morremos de paixão pelo magistério, entretanto, sem um mínimo de identificação seria insuportável. Exatamente, seria insuportável, mesmo sendo uma das profissões mais envolventes pelo fato de ser uma relação com pessoas e não com coisas, mas existe a questão de ter um baixo status social e péssima remuneração. (ARROYO, 2001, p. 127)

Buscando compreender um pouco mais o processo de formação, identidade e cotidiano docente, recorreremos a Fontana (2000), que nos dá importantes considerações sobre esta trajetória:

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional”, na adesão a um projeto histórico de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que foi constituindo professor/professora, analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a um projeto de escolarização. (FONTANA, 2000, p. 48)

Neste pensar a nossa prática pedagógica, é possível analisar os efeitos diretos e indiretos que vão-nos constituindo como professores. Neste contexto, Larrosa (1999, p. 52) discute que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais, cada um de nós, é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Só é possível analisar verdadeiramente sobre a formação docente, sua prática e as imagens e perspectivas sobre o processo educativo, quando contemplarmos o professor, levando em consideração sua história, seu ambiente, sua vida,

Assim, concordamos com Fonseca (1997, p.43), quando diz que:

(...) as investigações pedagógicas, que até pouco tempo “insistiam” em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor, hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre do reconhecimento de uma questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa.

Tardif (2002), também reforça estes dizeres, pois segundo ele, “um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, po-

deres, uma personalidade, uma cultura” (p. 265). Acreditamos que através de narrativas autênticas é possível resgatar e contar, sem se importar com o tempo que passou, porque conservam suas forças e sua singularidade.

No exercício diário de ser professor, a questão do ensinar e do aprender vão se transformando, tomando novos e diferentes sentidos no cotidiano das escolas. E assim, a profissão professor trilha novos rumos, novos conceitos, novas formas de ver e entender sobre este ofício do educar, como também, diversos questionamentos com relação à sua valorização, suas exigências, seus desafios.

Paulo Freire nos faz refletir quando diz que:

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. (...) todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda. (Disponível em: [pensador.uol.com.br](http://pensador.uol.com.br))

Portanto, a profissão do professor precisa ser vista e revista com outros olhares. Com esta perspectiva, buscamos através dos professores de Tapira-MG, que mesmo sendo uma cidade pequena, possui profissionais na educação que prezam pela qualidade no ensino e que têm alcançado bons resultados nessa caminhada por uma educação de qualidade, novas formas de contar e analisar sobre a História da educação neste município.

Uma investigação como esta, em que se aborda e se valoriza a história pessoal e humana dos professores investigados, é objeto de grande valor dentro das novas propostas educativas que valorizam amplamente a história contada a partir do singular, a valorização da realidade vivida por professores no cotidiano das escolas. É válida também, no sentido de ser mais uma oportunidade de conhecer e produzir conhecimentos sobre o tema, especificamente sobre a educação nesta cidade, visto também, ser relevante para a reflexão da educação que vivemos em todo o país.

## 2. Pelos caminhos da pesquisa

Para o desenvolvimento desta proposta de pesquisa, fizemos opção pela pesquisa exploratória e qualitativa, que como nos diz Rey (2000), é um tipo de

abordagem, volta-se para a elucidação de complexos e processos subjetivos, posto que a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana.

No desenvolvimento da pesquisa, como também na análise dos dados que foram coletados, utilizamos de pesquisas bibliográficas, que conforme Martins (2000) constitui-se numa abordagem metodológica muito freqüente, nos dando suporte para explicar e discutir temas e problemas diversos, com base em diferentes referenciais teóricos.

As entrevistas realizadas nos possibilitaram a compreensão das singularidades dos sujeitos participantes, da subjetividade dos mesmos e da situação que nos propusemos que foi levantar o perfil dos educadores da cidade de Tapira e as imagens e perspectivas que eles têm da educação.

Participaram deste estudo 10 educadores, sendo 2 da educação infantil, 2 da educação fundamental, 2 do Ensino Médio, 2 aposentados e 2 gestores. Os professores escolhidos têm em comum o fato de já ter trabalhado ou ainda trabalharem na educação da cidade de Tapira, sendo que todos fazem parte do processo de viver, praticar e construir suas histórias de vida e a história da educação na cidade.

Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, permitindo que suas identidades fossem reveladas, como também, uma Carta de Cessão de Direitos Autorais.

Os professores entrevistados são profissionais que procuram o seu crescimento dentro do que escolheram como profissão e, mesmo com todos os obstáculos encontrados no exercício da profissão, são professores que gostam do que fazem e são comprometidos com o crescimento e o desenvolvimento dos seus alunos e da educação na cidade de Tapira.

As entrevistas realizadas foram gravadas, transcritas e analisadas, seguindo orientações das várias bibliografias. Antes de serem utilizadas para análises, foram enviadas aos sujeitos participantes para revisão de sua transcrição.

A realização das entrevistas constituiu-se num rico universo de conhecimentos e crescimento, não só científico, como humano e pessoal, tendo um importante papel para aqueles que se propuseram ser educadores, como também, se interessam pela construção da história da educação na cidade de Tapira.

As entrevistas ocorreram de maneira rica e satisfatória, tanto para a entrevistadora como para os professores participantes, que puderam, através desse trabalho, lembrar e analisar um pouco da sua trajetória profissional, como foi o caso dos professores que estão há mais de 18 anos na profissão e que puderam presenciar muitas mudanças ocorridas na educação da cidade. Neste contexto Fonseca, *apud* Bosi (1997, p. 217) vem ressaltar que

quanto mais a memória revive o trabalho que fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício. Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que



custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) à outra geração como um valor. A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia.

No decorrer das entrevistas notou-se a preocupação de alguns professores em relação ao uso do gravador, uma vez que para alguns, isto se transformou numa responsabilidade a mais. Não que o processo de gravação fosse visto de maneira negativa, mas como uma forma de registrar de maneira fidedigna suas falas a respeito da escolha profissional e do seu papel na história da educação da cidade, sendo mais um recurso que permitiu maior garantia e veracidade ao que estava sendo relatado, como também, maior preocupação com o que se dizia. Assim, alguns professores pediam para ouvir o que eles já haviam contado, o que fez com que o tempo de duração de cada entrevista variasse em torno de uma hora ou mais. Tentamos manter um clima de atenção e cuidado quando da realização das entrevistas. Algumas aconteceram no próprio ambiente de trabalho dos entrevistados e outras em suas casas. Procuramos evitar que qualquer situação externa prejudicasse o andamento das entrevistas, mesmo daquelas que aconteceram no local de trabalho, já que conforme Guedes-Pinto (2002, p. 130), muitas vezes “no local de trabalho o entrevistado pode ser influenciado pelo ambiente e sentir diversas pressões. Em sua casa se sentirá mais à vontade, num ambiente que conhece cercado de recordações, fotografias suscetíveis de avivar suas lembranças e poderá ver seus familiares”.

Na medida em que as entrevistas iam sendo gravadas pode-se perceber a diferença de um professor para outro na forma de falar bem particular sobre a educação na cidade, destacando pontos positivos que existem, mas não deixando de lado o que ainda precisa ser melhorado. Em nenhum momento da realização das entrevistas foi percebido desânimo dos entrevistados em continuar no exercício profissional de educador.

Conforme as entrevistas iam sendo narradas, passava-se um filme em nossas cabeças, como também, surgiam dúvidas que muitas vezes nos obrigavam a reelaborar as perguntas e, até mesmo, acrescentar algumas que não estavam no roteiro, visando buscar o máximo de informações possível. Ouvíamos com atenção não deixando de considerar nenhum aspecto, e podemos dizer que dentre as várias mudanças ocorridas na História da educação de Tapira, gostaríamos de destacar a construção do prédio da então **Escola Reunidas de Tapira** em 1966, que foi lembrada por todos os nossos entrevistados com mais tempo de exercício profissional. (Diário de bordo, no dia 28 de outubro de 2011)

A transcrição de todas as entrevistas foi feita em um caderno com muito cuidado para não deixar nenhum detalhe esquecido, e depois de serem transcritas os arquivos foram salvos no computador, em pastas separadas. Depois, eram encaminhadas para a orientadora do projeto para que também fossem analisadas.

Durante a realização da primeira entrevista houve um pouco de ansiedade que foi contornada e tudo aconteceu de maneira tranqüila, dentro do que foi proposto, sendo a primeira participante a professora e hoje diretora, da Escola Municipal Alvina Alves de Rezende, senhora Ana Lucia Fernandes de Araujo.

Dos professores entrevistados, um possui 4 anos de profissão, outro possui 8 anos de profissão, seis possuem mais de 16 anos de profissão e dois já se aposentaram. Dentre eles, três exercem cargo de gestão atualmente, sendo uma diretora e duas coordenadoras. É importante ressaltar que entre esses 10 professores, 9 são mulheres e apenas 1 homem, o que nos faz refletir que a quantidade de mulheres em sala de aula nas séries iniciais, ainda é bem maior que a de homens.

Podemos analisar essa questão através de conceitos históricos, que conforme Louro (2002, p.449) ressalta, quando diz que “o abandono da educação nas províncias brasileiras, denunciado desde o início do Império, vincula-se na opinião de muitos, à falta de mestres e mestras com boa formação”. Reclamavam, então, por escola de preparação de professores e professoras, mas a profissão continuava desvalorizada, sendo delegada às mulheres, mais aptas ao papel de educar, de transferir sua suposta “doçura”, seu papel de “educadora nata”, para as salas de aula, ou seja, uma extensão do seu papel feminino.

No início do funcionamento das instituições formadoras de professores, estas foram abertas para ambos os sexos, embora o regulamento estabelecesse que moças e rapazes devessem estudar em classes separadas, preferencialmente em turnos e até mesmo em escola diferentes, o que reforçava os papéis do feminino e masculino. Vale lembrar que a atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens. “Aqui em nosso país, seu início aconteceu através de religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759.” (LOURO, 2002, p. 449) “Posteriormente, foram homens que se ocuparam do magistério com mais frequência, tanto como responsáveis pelas “aulas régias” oficiais, quanto como professores que se estabeleciam por conta própria” (Idem, p.449), já que no início a profissão era valorizada e a educação elitista. Porém, a realidade se transformou e hoje é outra, uma vez que a profissão se mantém muito mais procurada por mulheres, principalmente na educação infantil, refletindo o panorama nacional que ainda retrata que as mulheres, apesar do avanço na formação, ainda ganham menos que os homens e o histórico descompromisso e desvalorização da profissão no país, principalmente nas séries iniciais.

Quanto a este quadro, recorreremos ao que nos diz Frederico Assis Cardoso sobre professores homens na educação.

Para se pensar a questão dos professores homens da educação de crianças no Brasil de hoje, torna-se importante apresentar ainda outro dado: cerca de 94% do total do corpo docente é composto por mulheres. Com seu universo menor, a presença de homens que atuam na educação de crianças é de aproximadamente 6%. Essa maciça presença feminina nos espaços educativos e as representações que as mulheres fazem de seu envolvimento possuem implicações sobre as práticas pedagógicas. No Brasil, um país que se constituiu durante anos sob os laços históricos de sociedades escravocratas e paternalistas, o número de homens trabalhando na educação de crianças, apesar de inferior ao de mulheres, não pode ser considerado insignificante ou desprezível. (Disponível em: <http://www.anped.org.br>)

Diante desta realidade, Freitas (2000, p.97), diz que “a escolha do Magistério pela mulher brasileira teve determinantes sócio-históricos pertinentes à historicidade da constituição da mulher, que se deu à sombra da tradição patriarcal de nossa sociedade, com suas concepções e ideologias pertinentes às relações econômicas de produção capitalista”.

Louro (2002), em seus estudos sobre a história das mulheres no Brasil, especificamente sobre as mulheres na sala de aula, nos fala sobre a “feminização do magistério”, apontando suas causas no país. Ela comenta:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. (LOURO, 2002, p. 450)

De certa forma, isto exemplifica o porquê de existirem muito mais mulheres nas fases iniciais do magistério, como também o histórico descaso da profissão ao longo da história no país. O professor no Brasil, principalmente nas séries iniciais, é muito pouco valorizado e ganha vergonhosamente mal.

### **3. A educação na cidade de Tapira.**

Através das histórias que nos foram narradas, foi possível conhecer um pouco mais sobre o cotidiano de alguns professores tapirenses e refletir sobre as suas práticas profissionais, as imagens que eles têm sobre o seu ofício e que foram construídas ao longo da vida pessoal e profissional de cada um, como também, um pouco sobre a História da educação em Tapira. Isso nos leva aos escritos de Fonseca, ao dizer que tudo aquilo que vivemos nos constitui no ser e viver como professores, “fragmentos de memória, histórias de professores que estão na história, que a fazem, sofrem, desfrutam e transformam” (FONSECA, 2002, p. 86). Professores que no exercício diário de seu ofício de mestres, transformam a si mesmos e à história da educação no município.

Vejamos então, algumas destas narrativas que dizem respeito às histórias de suas vidas e da educação na cidade de Tapira.

#### **3.1 – Educadores de Tapira – quem são?**

Buscando entender um pouco mais sobre o muito que se tem falado sobre a profissão do professor, de como nos tornamos professores (as), do que nos faz querer seguir esse ofício, quais as memórias guardadas sobre este caminhar, e até mesmo se fizemos a escolha certa, nos remetemos a Fonseca ao dizer que:



entre muito que tem sido dito e escrito sobre nós e o muito que se tem planejado e proposto a nós, têm-se revelado muitas faces de nossa atividade profissional. Faces nem sempre harmônicas. Faces nem sempre agradáveis de encarar. Faces em que, muitas vezes, não nos reconhecemos. (2003, p.17)

Assim, buscamos também através dos professores de Tapira que participaram deste estudo, tentar responder a algumas dessas questões, quando falam sobre sua formação profissional.

Vejam alguns destes relatos:

Me formei em Piumhi no ano de 1983, no curso de magistério. Na época tinha 17 anos e para dizer a verdade o magistério não era a profissão dos meus sonhos. Fiz o curso para agradar minha mãe. Eu fazia dois cursos: de manhã científico e a noite o magistério. Desta forma eu não contrariaria minha mãe e poderia me preparar para o vestibular. (Sabina Aparecida Lemos Pontes)

Percebemos que a escolha da profissão nem sempre ocorre por identificação e às vezes, nem é o que almejamos no momento, somos até mesmo levados pelos caminhos da vida. No relato acima podemos entender que a escolha tinha uma relação familiar e que vários fatores influenciam nas nossas escolhas, como a família, questões sociais e também o acaso, que é o que aconteceu na história narrada abaixo.

Minha formação inicialmente foi científica e técnica em contabilidade, que eu concluí aos 17 anos. Estava me preparando para o vestibular de medicina e recebi um convite da diretora da Escola Estadual de Tapira para assumir umas aulas até o preenchimento da vaga e aí eu me apaixonei por dar aula, por ser professora, porque era uma coisa que eu nunca tinha pensado. Minha família achava que era uma profissão insignificante e amei o que eu fiz, me apaixonei pelos meus alunos e fui aprendendo a ser professora com a maneira deles com os gestos as palavras no dia-a-dia. (Elba Regina Pontes Machado).

Neste contexto, Fonseca, *apud* Saramago (2003, p.79), vem ressaltar que “nunca se pode saber de antemão de que são capazes as pessoas, é preciso esperar, dar tempo ao tempo, o tempo é que manda, o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do baralho. A nós compete inventar os encartes com a vida.” Nos casos relatados, a espera e o tempo, as fizeram encontrar a profissão certa que seguiram e ainda seguem há muito tempo.

Falando sobre formação e escolhas é importante lembrar a narração de outros profissionais de como se tornaram professores.

Minha formação escolar ela foi assim, muito cheia de batalha, tive que trabalhar muito porque na época meu pai não tinha condições

de pagar pra gente, então eu trabalhei de doméstica, trabalhei em chapadão, catando raízes, catando batata, mas foi uma coisa assim muito gratificante e a escolha da profissão é porque toda vida eu tive o dom de querer ensinar. (Ângela Maria de Oliveira)

A minha formação escolar foi sempre pautada em muita dedicação, responsabilidade, conhecimento. Eu terminei o científico e logo ingressei na faculdade de Pedagogia e em seguida eu fiz a pós-graduação em orientação educacional e Psicopedagogia escolar. E eu escolhi essa profissão porque eu gosto de sentir que estou ajudando ou acrescentando algo positivo na vida de um ser humano ou de uma criança, além de receber de volta o carinho das crianças, dos alunos com quem a gente convive no dia-a-dia. (Vanessa Abadia Silva Madruga)

(...) Eu optei pelo magistério porque eu sempre, no fundo, tinha um interessezinho de ser professora era a melhor opção, era a coisa mais importante que tinha, então desde pequena, desde o meu ingresso na escola eu já tinha essa intenção de fazer magistério. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Percebemos que a busca pela formação se dá de formas bem diversas, muitos se deparam com dificuldades e desafios, muitas vezes com dúvidas quanto à escolha, outros já têm plena convicção do que querem realizar e alcançar, como o que nos foi relatado nas falas acima sobre o percurso de formação profissional.

Sobre este contexto, Freire (1995, p.33) diz que "estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria."

Ainda sobre a formação dos professores de Tapira, percebe-se que para alguns a ideia de se tornar um educador é uma certeza que veio desde a infância, como é o caso da Dona Maria José Batista Ribeiro ao dizer que:

Desde criança, eu nasci na fazenda e eu observava o quanto era difícil a vida das pessoas que não sabiam ler e escrever. Várias vezes, vizinhos nossos lá da fazenda iam até a nossa casa pedir ao meu pai para ler cartas que recebiam de parentes que moravam longe. Então, crescendo e observando esses problemas, eu percebi, já bem cedo, na minha infância, que tinha vocação para ser professora, para poder ensinar adultos e crianças a ler e escrever. (Maria José Batista Ribeiro)

Além disso, existem aqueles que escolheram a profissão por gostar muito de crianças e por ter facilidade em lidar com elas, e o mais importante, pelo prazer de ensinar. Assim, buscaram a formação específica, como é o caso da educadora Cássia ao relatar:

Acho que foi uma formação muito boa, adorei o curso, eu escolhi por gostar muito de crianças, eu acho que eu lido bem com as crianças e pelo prazer de ensinar, que eu acho que isso é legal esse prazer de estar ensinando a criança, de ver o crescimento dela. (Cássia Valéria Simões)

Já alguns professores, escolheram o magistério por se tratar das únicas oportunidades que eram oferecidas, mas que hoje reconhecem não ter errado na escolha, ao contrário, se identificam totalmente com o que fazem. É o que nos diz a educadora Eneiva no seu relato abaixo:

Eu escolhi essa profissão porque quando eu comecei, era naquela época que tinha só magistério e contabilidade e por eu ter muita dificuldade com os números aí eu optei pelo magistério. (Eneiva Maria Machado Araújo)

Vale ressaltar outras falas sobre este aspecto:

(...) o primeiro ano que a escola conseguiu implantar o ensino médio aqui, foi com o magistério e contabilidade. Eu optei pelo magistério porque sempre no fundo eu tinha um interessezinho em ser professora. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

A opção de chegar ao ensino médio e fazer o que era um curso profissionalizante e que aqui tinha contabilidade e magistério automaticamente. Eu não gostava, eu não saía bem nas exatas, aí eu já optei pelo magistério. No primeiro momento eu acho que não me via como professora, mas depois, quando eu fiz o curso, no desenrolar do curso passei a gostar da área e passei a me interessar pela escola (...). (Josénice Terezinha de Paiva Marques)

Pelos relatos acima, percebemos que para cada um existe um motivo para a escolha da educação e que às vezes esta não foi a opção inicial. Mas, o mais importante é que mesmo através de diferentes caminhos, algumas vezes até tortuosos, todos encontraram na profissão uma identidade e hoje desenvolvem seus trabalhos com competência e respeito pelo que fazem.

Diante disso, Arroyo (2000, p.18) nos fala que “educar incorpora as marcas de um ofício e de uma arte, aprendida no diálogo das gerações. O magistério incorpora perícia e saberes aprendidos pela espécie humana ao longo de sua formação”.

### **3.2. Sentidos e significados do ser professor.**

Durante a nossa trajetória profissional construímos histórias que dão sentido e significados ao nosso fazer e, em algum momento de nossa atuação profissional, serão por nós recordadas. Fonseca fala que “na maior parte das vezes,

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir repensar com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (FONSECA, *apud* BOSI, 1997, p.34).

Falando sobre lembranças e sobre o “ser professor”, vale a pena apontar os relatos sobre a prática escolar e sobre as lembranças marcantes da trajetória profissional:

Já tem quase 20 anos que eu sou educadora. Eu comecei a trabalhar e ainda não era formada, na época aqui em Tapira faltavam professoras e eu estava no último ano de magistério quando fui convidada a assumir uma sala que a professora estava indo embora. Assumi essa sala sem saber o que era uma sala de aula, porque o curso não preparava a gente pra prática e eu fui com muita coragem. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Estes dizeres reforçam o retrato da educação no país. Muitos se tornaram professores por falta de opção, convites, baixo efetivo de profissionais, necessidades diversas. No caso específico da educação na cidade de Tapira e dos professores que participaram deste estudo, percebemos que mesmo alguns tendo assumido a profissão por estes motivos, eles se identificaram com o ofício e buscaram o aperfeiçoamento para seguir na carreira, o que, apesar de várias políticas públicas voltadas para a educação, a realidade ainda está muito longe do ideal. Muitos professores estão no exercício sem gostar e com baixa formação devido à história e realidade de descaso com a educação no país.

Uma das mudanças que aconteceram na educação brasileira recente, foi a teoria do Construtivismo que trouxe consigo muitas dúvidas sobre como trabalhar dentro da sala de aula. O que era esse construtivismo? Segundo Matui (1995, p.33) “o construtivismo é um sistema de epistemologia que fundamenta a construção da mente e do conhecimento sobre bases anteriores num processo extremamente dinâmico e reversível de equilíbrio majorante.”

Ana Lucia Fernandes Araujo nos aponta esta mudança ao lembrar de quando começou a ouvir falar sobre o construtivismo.

Com o passar dos anos começaram a surgir novas falas sobre a educação e não me esqueço de uma que me marcou muito, foi o construtivismo (...). Esse construtivismo era muito obscuro pra gente na época e aí a gente começou a buscar informações e fomos percebendo em que ponto a gente tinha que mudar a prática, o que era esse construtivismo, ele não tinha uma receita pronta. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Assim, os professores de Tapira, como os de todo o país, precisaram entender o que era o construtivismo e outras teorias educacionais, procurando novas formas de trabalhar com seus alunos de maneira que eles pudessem fazer parte da construção de sua aprendizagem.

Ana Lucia ainda continua sobre estes desafios:

A gente foi percebendo que tinha que mudar a forma de trabalhar com os alunos, eles não deveriam mais receber aquilo prontinho como era nas cartilhas e como a gente dava pronto passo a passo. Eles poderiam participar dessa aprendizagem de forma muito diferente. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Este contexto é analisado por Matui *apud* Emilia Ferrero (1995, p.33) ao destacar que “a construção implica em reconstrução. Um saber anteriormente construído não fossiliza, mas se transforma continuamente. Para assimilar novos conhecimentos, esse saber anteriormente construído precisa ser reconstruído”.

Eu comecei a entender que alfabetizar podia ser muito mais prazeroso muito mais interessante do que a forma que eu trabalhava e eu não sabia falar se eu estava usando, se eu tinha mudado se eu continuava não continuava propriamente no silábico, mas eu sabia que eu tinha mudado minha forma de trabalhar e eu não entendia o que eu estava fazendo especificamente, mas eu sabia que meus alunos estavam aprendendo bem. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Quanto a isso, Fonseca *apud* Dominicé (2002, p.89), continua quando diz que “a vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação”. Sendo assim, julgamos importante ressaltar outras histórias sobre a formação e a atuação do professor de Tapira.

Eu comecei já como voluntária no primeiro ano de faculdade, quando foi no ano, eu já fui pra sala de aula onde estou atuando até hoje. (Cássia Valéria Simões)

Eu tenho muitas lembranças, mais do início, lá quando eu comecei o carinho dos meninos da fazenda. Muito gratificante até hoje, eu sou a tia deles, os meninos da fazenda chegam pra mim e eles tomam bênção, “benção tia” sabe, eles vêm na minha casa me ver. (Eneiva Maria Machado Araújo)

As lembranças destacadas acima carregam também, grandes doses de afetividade e emoção, aspectos fundamentais e indissociáveis do fazer educacional. São fatos que marcaram o início da carreira profissional de cada um, e que hoje são recordadas com carinho por eles.

Vejamos outros relatos:

Eu sempre dei aula por amor aos meus alunos e por estar levando o conhecimento dentro de sala, nunca liguei muito para a questão de salário, eu sempre tinha outras atividades e eu escolhi atuar porque descobri que eu tinha um dom para dar aula (Elba Regina Pontes Machado)



Eu nunca me arrependi de ter sido uma professora, uma educadora por excelência, porque eu acho que todos nós temos por DEUS a nossa missão determinada quando nascemos e eu percebi muito cedo que a minha missão era essa. Então, jamais me arrependi e tudo que consegui foi com a ajuda de primeiro DEUS, depois com meu trabalho honesto de educadora. (Maria José Batista Ribeiro)

Durante a minha jornada guardei varias lembranças de crianças que eu alfabetizei, de problemas que eu pude intervir em favor de algum aluno. A pouco tempo mesmo, eu fiquei emocionada com um abraço que eu ganhei de uma mãe me agradecendo por ter conseguido alfabetizar o seu filho, porque ele tinha muita dificuldade de aprendizagem. (Vanessa Abadia Silva Madruga)

Apesar destes relatos apontarem para a ainda identificação da profissão com a vocação que é vista como definida, e até mesmo um “sacerdócio”, não podemos deixar de destacar o amor que as entrevistadas sentem pelo que fazem. A fala da professora Vanessa nos remete aos escritos de Dietzch *apud* Kramer et al. (1989, p.70) quando diz que “a escrita é uma arte, o olhar procura o novo, a descoberta é um não cessar. Nessa pedagogia, a pressa e a impaciência ficam de fora, dando lugar à reflexão e ao compromisso”. E no caso dos relatos acima, amor e realização profissional.

Acreditamos ser interessante destacar sobre os primeiros momentos da caminhada profissional de alguns educadores:

Os primeiros momentos me marcaram muito, principalmente na época do estagio, eu temia muito pegar uma antiga 4ª série que tinha, que era de alunos terríveis, não respeitavam professor, tinham problemas direto na sala. Foi feito um sorteio, nos éramos cinco cursantes, e advinha a sala que eu peguei? A 4ª série, olha eu quase morri de chorar (...). Mas depois foi de boa, acho que aquilo serviu como uma lição pra mim. Depois disso, seja qual for a série que me dessem, eu acho que eu pegava. (Josenice Terezinha de Paiva Marques)

Os primeiros anos foram muito difíceis, quando comecei a lecionar no ano seguinte ao de minha formatura, senti uma grande distância entre a teoria e a prática. Hoje dou boas risadas das bobearas que já cometi. Quando converso com meus alunos e digo que já usamos mimeógrafo, máquina de datilografia, estêncil, carbono; eles se assustam e perguntam o que são todas aquelas coisas. (Sabina Aparecida Lemos Pontes)

Isso nos leva a comprovar os muitos desafios que grande parte dos professores vive no país. Estes professores destacaram momentos importantes na sua passagem pela educação, como a superação, os novos conhecimentos e as descobertas. Diante destes relatos, lembramos de Arroyo (2000, p.26) quando diz que

“temos muitas histórias a contar sobre nosso ofício porque não nos arrependemos do que fomos outrora, porque ainda somos.”

### 3.3 O perfil do Educador de Tapira

Durante o passar dos anos a educação de Tapira, juntamente com os seus professores, foram se transformando e criando as imagens sobre a educação na cidade e sobre a identidade de cada um.

Arroyo diz que:

Fomos descobrindo que é difícil identificar nosso ofício de mestres com uma imagem única, que somos múltiplos plurais. Que o que sabemos fazer e temos de fazer no cotidiano convívio com a infância, adolescência e juventude não cabe em imagens simplificadas, nem em um único conceito, professor, docente, mestre, alfabetizador, supervisor, orientador. Carregamos todos, uma história feita de traços comuns ao mesmo ofício. (ARROYO, 2004, p.13)

Vejamos algumas dessas narrativas que dizem respeito à imagem que os educadores Tapirenses têm deles mesmos e da educação na cidade:

Eu me defino como uma profissional de fato responsável, e com um interesse de crescimento constantes, nunca acho que já sei o suficiente eu sempre tenho a preocupação de querer saber um pouco mais, de querer buscar um pouco mais. (Ana Lucia Fernandes Araujo)  
Eu me considero competente porque busco aperfeiçoar os meus conhecimentos e coloco sempre em prática tudo que eu estudo, tudo que eu pesquiso com os professores, dando dicas, incentivando, então eu acredito que eu sou competente por isso, porque eu busco conhecimento e também porque o repasso, não fico com ele para mim. (Vanessa Abadia Silva Madruga)

Importante verificar que os professores têm esse compromisso com a educação e com o seu crescimento enquanto educadores, buscando se aperfeiçoar e crescer na profissão. Segundo Fonseca *apud* Goodson (1997, p.185) estes “são obviamente ingredientes chaves da pessoa que somos do nosso sentido do eu. E de acordo com o quanto investimos o nosso eu no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, concebemos a nossa prática”.

Ainda sobre a imagem que os educadores de Tapira têm de si e da sua prática educacional, é importante destacar as falas abaixo.

Eu tenho muito orgulho pelo que fiz e estou tentando passar para as gerações futuras. Alguma coisa marcante da minha profissão eu estou tentando escrever, para que eu possa, talvez, ajudar os principiantes, que a experiência da gente, adquirida ao longo do tempo não deve morrer com a gente, a gente deve transferir para alguém

para que o mundo vá se tornando cada vez melhor (Maria José Batista Ribeiro)

A competência, isso aí vai muito da experiência que a gente adquire no decorrer dos anos e na busca que a gente tem no nosso dia-a-dia. Então eu não gosto de ficar parado, estou sempre procurando inovar, procurando estar atualizando, procurando sempre ler, sempre estudando, isso aí a gente cresce cada vez mais. (Vander Carvalho de Souza)

As falas acima nos levam a refletir sobre o que diz Bernardinho (2006, p.77), ao destacar que “quanto mais as pessoas acreditam em uma coisa, quanto mais se dedicam a ela, mais podem influenciar no seu acontecimento”.

Neste contexto é importante destacar também:

Teoricamente deveríamos ser melhores a cada dia, porque somos uma somatória de todas as experiências vividas. Hoje os meios de comunicação, os recursos tecnológicos nos permitem preparar aulas diversificadas, mas também não desconsidero o encanto dos meus primeiros anos de profissão, quando estes recursos eram escassos e então usávamos toda a criatividade para contar belas histórias, despertar o encantamento do mundo dos livros nas crianças. (Sabina Aparecida Lemos Pontes)

Olha, eu acredito, apesar de hoje estar afastada de Tapira desde 1983, eu não participei de mais nada em termos de educação em Tapira, mas acredito que a sementinha que eu plantei com muito amor e carinho, continua sendo regada também com muito amor e carinho e dedicação, pelos que me sucederam (Maria José Batista Ribeiro)

Estas narrativas nos fazem pensar que hoje, em meio a todos os problemas enfrentados pelos educadores, não devemos deixar de acreditar na profissão, buscando o melhor e a cada dia reconhecendo a importância da educação na vida das pessoas.

Acreditamos que todos os professores que foram ouvidos neste estudo, se fizeram e se fazem como profissionais na própria escrita da vida de cada um. Escolhas, convivências, vivências, fazeres que os constroem todos os dias para um ofício, que independente de qualquer coisa, envolve vida e viveres tão iguais e tão diversos, mas acima de tudo, humano.

Tudo aquilo que foi lembrado e contado, permitiu que a História da educação em Tapira fosse resgatada e até mesmo, relida com novos olhares.

#### **4. Histórias e Imagens da Educação em Tapira.**

Os professores que foram entrevistados nesta pesquisa, são profissionais comprometidos que procuram uma formação continuada e acreditam que no exercício do fazer educativo, contribuíram e contribuem para a História da educação na cidade de Tapira, formando cidadãos que também escreverão suas Histórias.

Vale ressaltar aqui a fala do professor Vander Carvalho de Souza quando diz que “*o professor vive do sucesso do seu aluno*” (Diário de bordo, 06 de setembro de 2011).

De maneira geral os professores de Tapira procuram sempre se renovar, buscando novas formas de ensinar através das trocas de experiências com aqueles que já estão na educação a mais tempo, como também, da pesquisa e estudo constantes.

Ressaltando um pouco mais sobre a imagem que estes professores têm de si mesmos, vale ressaltar outras falas:

Entusiasmo eu tenho muito, eu gosto do que eu faço e ainda não perdi o amor pela profissão não. Agora eu acho que eu ainda sou uma professora que exige limites, sou muito brava dentro da sala, eu tenho muito respeito pelo meu aluno, mas, no entanto ele tem que fazer aquilo que eu gosto, ainda sou uma professora mandona. (Ângela Maria de Oliveira)

*Eu me vejo um professor pesquisador, eu nunca contento com o que eu já alcancei de experiência na vida, sempre estou buscando me aperfeiçoar, sempre estou buscando dar mais vida as minhas aulas, sempre estou buscando um bom relacionamento com meus alunos sejam eles pequenos ou adolescentes. (Josenice Terezinha de Paiva Marques)*

A educação na cidade de Tapira passou por mudanças no decorrer dos anos e quanto a isso a professora Ana Lucia ressalta:

As lembranças que eu tenho da educação em Tapira é que ela foi crescendo devagarzinho crescendo de acordo até mesmo com a população, com a quantidade de alunos com a necessidade do lugar. (Ana Lucia Fernandes de Araujo)

A questão ainda divide opiniões entre os entrevistados, sendo que para alguns professores a educação na cidade sempre foi vista com bons olhos e caminha bem, sendo lembrado por muitos dos entrevistados, o fato de que boa parte dos alunos egressos das escolas de Tapira se destaca quando vão para outras escolas ou até mesmo universidades. (Diário de bordo, 06 de setembro de 2011).

Já para outros professores, a educação em Tapira não caminha bem e está deixando a desejar em alguns aspectos. Isso nos remete aos escritos de Nóvoa *apud* Hameline (1999, p. 48) ao dizer que “nunca se pode considerar uma coisa completamente boa, sob todos os pontos de vista.”

Alguns relatos apontaram para esta realidade, como o da professora Ângela Maria de Oliveira que diz que:

Olha a educação de Tapira, ela está passando por um momento de mudança, ela já foi melhor, mas hoje com tanta cobrança que nós temos de órgãos superiores a gente tem que, infelizmente, abrir mão de muita coisa que antigamente a gente poderia cobrar dos nossos alunos.

Na educação da cidade existem pontos positivos como a facilidade de acesso dos alunos à educação infantil, fundamental e médio e com relação aos professores que são profissionais preocupados com sua qualificação, como também, as escolas são bem equipadas, com recursos tecnológicos que permitem uma implementação diversificada no cotidiano escolar. (Diário de bordo 08 de dezembro de 2011).

Como fator negativo, mas que agora está sendo sanado, e que foi lembrado por nossos entrevistados, é a construção da Pro-infância em que as crianças terão um espaço a mais para aprender em um local adaptado para esta finalidade. (Diário de bordo, 08 de outubro de 2011).

Outros aspectos considerados negativos podem ser comprovados através das seguintes narrativas:

Hoje a gente tem muitas decepções, hoje a educação esbarra em muitas coisas que a gente se decepciona, não vou falar que eu sou encantada, maravilhada com a educação não, eu sou entusiasmada, gosto do que eu faço e faço bem feito mas também, sou consciente que tem muitas coisas hoje que deixam a gente um pouquinho desanimada, mas mesmo assim eu ainda sou mais positiva com relação à educação do que negativa. (Ana Lucia Fernandes Araujo)

Este relato aponta para a questão de que os professores estão cientes dos problemas com relação à educação, porém, é preciso ser otimistas e muitas vezes, diante de dificuldades e até mesmo, impossibilidades, consideramos que “quando não se sabe o que fazer, ama-se”. (FONTANA, 2003, p.17)

Alguns entrevistados destacaram também outras questões como as que se apresentam:

Pontos negativos eu destaco o que eu acho que está no auge dos professores, que é a decepção com o salário, a desvalorização por parte dos governantes em geral que acham que: nossa você está ganhando bem. (Eneiva Maria Machado Araújo)

Ponto negativo, eu acredito que ainda seja uma falta de interação com outras escolas pra estar buscando mais, a gente fica muito isolado, então estar mais em contato com outras escolas com outras cidades. (Vander Carvalho de Souza).

A questão salarial e a atual desvalorização do professor e da educação no país, como enfatizadas pelos entrevistados são problemas que afetam a todos os educadores, mas mesmo assim, em momento algum eles demonstraram vontade de abandonar a profissão, pelo contrário, quando perguntados se escolheriam a profissão novamente, todos responderam que sim, que escolheriam ser professores.

Assim, vale lembrar das palavras de uma das primeiras diretoras da escola de Tapira, a senhora Maria José Batista Ribeiro:



Eu defino com muito amor, carinho e dedicação a causa profissional que abracei e jamais me arrependi disso, se fosse para fazer faria tudo de novo.

Apesar de tantos desafios encontrados no exercício da profissão, foi muito bom perceber que muitos dos entrevistados almejam um futuro melhor para a educação. Portanto, acreditamos ser importante ressaltar que a escolha de ser professor (a) precisa ser consciente, por vontade, por gosto, não apenas por não ter outras possibilidades.

Encerrando nossas análises, mas nunca com a pretensão de esgotar o estudo, recorremos a Freire quando diz da profissão do professor:

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito. Obviamente reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. (FREIRE, 1995, p.48)

Muitas dúvidas ainda permanecem, algumas certezas de que talvez pudéssemos ter feito diferente. Construções, desconstruções, descobertas, escrita humana. O mais importante de tudo foi a partilha, o diálogo, o brilho do olhar que na busca por compreender um pouco mais da educação na cidade de Tapira, nos permitiu ouvir daqueles que estão envolvidos diretamente nesta História, relatos carregados de lembranças e de construção de vida. Vidas pessoais e da vida da educação no município.

### **Considerações Finais**

As histórias contadas pelos professores de Tapira trazem um pouco do cotidiano de cada um no viver a educação, mesmo por aqueles que estão a pouco tempo na profissão, mas que já carregam consigo a vontade de fazer a diferença e fazer parte da educação na cidade.

Realizar esse trabalho foi uma experiência única e muito gratificante, pois cada relato, cada história contada, trazia em mente um pouco da nossa própria história como aluna na cidade de Tapira, uma vez que todos os participantes são professores da cidade onde vivemos e estudamos desde a pré-escola. Cidade em que fomos alfabetizados, onde descobrimos a magia das palavras e dos primeiros números, onde desvendamos e contamos histórias. Histórias que hoje misturam nas teias da educação, que nos levaram também, a aprofundar e reforçar nossa própria identidade.

Direta, ou indiretamente, somos parte das histórias que foram narradas, já que a maioria dos entrevistados foram nossos professores e fizeram parte da

nossa formação escolar. Durante o percurso deste estudo, foi gratificante observar como os educadores participantes, continuam com a mesma vontade de ensinar, e que mesmo com tantas mudanças ocorridas ao longo do tempo, eles ainda prezam e sentem orgulho pela profissão que escolheram.

Todos os relatos apontaram para a importância da educação na vida dos envolvidos. Também os problemas que foram destacados nos mostraram que estes não são exclusivos da educação na cidade de Tapira, mas muito semelhantes aos da educação no país. Percebemos que em Tapira existe a busca constante por uma educação de qualidade e que nossos entrevistados também fazem isso pelo prazer que é fazer a diferença na vida do outro e “*por lidar com o principal material de trabalho que existe, o ser humano*” (Diário de bordo, 05 de setembro de 2011).

Através da fala de cada professor, ficou evidente a importância que os mesmos dão ao “ser professor”, ao ofício de educar. Na participação da construção da educação no município, nossos entrevistados superaram dificuldades e obstáculos que os fizeram acreditar cada vez mais na profissão e no fazer profissional que constroem todos os dias.

Esperamos também, que a nossa escolha por esta profissão, possa vir a contribuir na construção da história da educação em Tapira, hoje como aluna, amanhã como educadora.

Ressaltamos uma de nossas entrevistas em que a professora Vanessa, lembrou de Monteiro Lobato quando nos diz que “*Tudo tem origem nos sonhos, primeiro sonhamos, depois fazemos*”.

Assim foi este estudo, nasceu primeiro nos sonhos, muito se fez, emoções foram vividas e divididas, mas, o mais belo de tudo, é que em educação, sempre se tem muito por fazer, sempre é hora de recomeçar, de escrever e de contar.

### Referências:

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BERNARDINHO, **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> Último acesso em: 30 de janeiro de 2012.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos “Annales” à “Nova História”. Tradução de Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

FREIRE, Paulo. **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br>. Último acesso em: 22 de janeiro de 2012

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 6. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil – História oral de vida**. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_ Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: CICILLINI, Graça Aparecida, NOGUEIRA, Sandra Vidal. (Orgs). **Educação Escolar – Políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 85-102.

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.) **Memórias de professores: história e histórias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: FAPESP, 2002.

KRAMER, Sônia; SOUZA, Solange Jobim. (Org.) **Histórias de Professores**. São Paulo: Ática, 2003.

LARROCA, Priscila. **Psicologia na formação docente**. Campinas: Alínea, 1999.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 443-481.

MARTINS, G. de A. **Guia para elaboração de monografia e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2000.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

PENIN, Sônia T. de S. **Escola e cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1989.

REY, F. L. Gonzalez. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED**, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

## **Among fabric and yarns of the teaching profession - Stories of Educators of Tapira-MG**

---

**Abstract:** Lives and practices of teachers have been a major theme of contemporary analyzes on professionals of education, by various authors, since the understanding of reality has become a more relevant scientific matter, especially in a time when the historical production emphasizes the examination of local and personal specificities and peculiarities,

following the trends of current methodology and practices. The teaching profession has excelled in the aspects of discussion among scholars, researchers, public authorities and even teachers themselves who feel the evolution of their profession over the years. Thus, this article is the result of a survey conducted among teachers in the city of Tapira in order to investigate who are the Tapira's educators and how they perceive their professional identity and yet education in that city, thus recovering some meanings of their identities and their perceptions on education. Semi-structured interviews were conducted with ten educators who have in common the fact they have already worked or still work with education in the city of Tapira: two teachers in infant education, two teachers in elementary education, two teacher in secondary education, two retired teachers and two education managers. They are part of the living, practicing and building of their own stories and the history of education in the city. The interviews were taped, transcribed and analyzed. One can say this research dared to build small and beautiful stories about the education in the city of Tapira. It was possible to see the pride and dedication that all respondents have to live it and build it, demonstrating a belief in what they do, despite the numerous challenges of the profession. Even being a small town, Tapira values the quality of education and has achieved good results.

**Keywords:** Education, History, Teacher, Professional Identity.

---

\* **Marielma Aparecida Barbosa**

**Currículo - <http://lattes.cnpq.br/5826347247243254>**

**Endereço eletrônico: [marielmabarbosa@hotmail.com](mailto:marielmabarbosa@hotmail.com)**

\* **Ivana Guimarães Lodi - Orientadora**

**Currículo - <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>**

**Endereço eletrônico: [iglodi@terra.com.br](mailto:iglodi@terra.com.br)**